O sentido de Maquinação (*Machenshaft*) na Fenomenologia de Martin Heidegger

Manuela Santos Saadeh. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Brasil)

Recibido 17/01/2023

Resumo

Este artigo se propõe a ser um breve esclarecimento sobre a questão da Maquinação (*Machenshaft*) com a qual Heidegger trabalhou em seus textos posteriores a Ser e Tempo. Este é um problema que, segundo o filósofo, é decorrente da estrutura metafísica do pensamento ocidental, isto é, do pressuposto do Ser enquanto entidade do ente. Para Heidegger, a Filosofia enquanto Metafísica vem, historicamente, desde a Modernidade, pensando o Ser como produto (fabrico) de uma consciência representativa: o homem enquanto o Sujeito Moderno representa o Todo do ente enquanto objeto para servir a esta consciência. Este poder imposto pelo Homem sobre si, sobre a Natureza, sobre as coisas, sobre o conhecimento; enfim, sobre o Todo, tem como meio de sua consolidação a Maquinação planetária. Enquanto fundamento invisível deste pensar moderno e contemporâneo, a Maquinação nos arrebata nos tornando reféns de nós próprios.

Palavras-chave: fenomenologia, maquinação, Martin Heidegger, metafísica.

Abstract

The sense of Machination (*Machenshaft*) in Martin Heidegger's Phenomenology

This article proposes to be a brief clarification on the issue of Machination (*Machenshaft*) with which Heidegger worked in his texts after Being and Time. This is a problem that, according to the philosopher, stems from the metaphysical structure of Western thought, that is, from the assumption of the Being as an entity of the being. For Heidegger, Philosophy as Metaphysics, historically, since Modernity, has been thinking of Being as a product (manufacture) of a representative consciousness: man as the Modern Subject represents the Whole of beings as an object to serve this consciousness. This power imposed by Man on himself, on Nature, on things, on knowledge; finally, on the All, it has a planetary Machination as a means of consolidation. As an invisible foundation of this modern and contemporary thinking, Machination takes us away, making us hostages of ourselves.

Key words: Phenomenology, Machining, Martin Heidegger, Metaphysics.

O sentido de Maquinação (*Machenshaft*) na Fenomenologia de Martin Heidegger

Manuela Saadeh. Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)

Recibido 17/01/2023

> *A Maquinação reina, ao mesmo tempo, enquanto o fundamento, desconhecido em sua essência, e também incognoscível para toda a Metafísica da explanação do concreto enquanto «vontade de poder».*
>
> Martin Heidegger (1997: 39).

Heidegger, na obra *Meditação* (*Besinnung*) (2010), ensina que a vontade para o poder é a configuração (histórica) moderna para o sentido do Ser. Nós perguntamos: Por que o Ser ganhou a configuração de Poder? Em suas obras, Heidegger indica que nos primórdios da manifestação ocidental da questão do Ser, entre os gregos, o Ser se manifestou como *presença constante*: a entidade, isto é, a ideia pressuposta de uma forma subsistente, permanente, universal e fechada em si enquanto o Ser do ente. E enquanto essa doação, a presença do Ser se manifestou em termos da presença de uma permanência disponível aí para a lida, isto que Heidegger determinou fenomenologicamente enquanto a *presentidade constante*, que corresponderia ao envio deste sentido para o Ser desde a *οὐσία* (*ousia*) aristotélica, ao sentido do Ser enquanto a *substantia* medieval e ao Ser enquanto o Sujeito Moderno.

A partir do advento da técnica moderna, a partir, portanto, da Modernidade, essa *presentidade constante* disponível enquanto o Ser de tudo que há, ganhou a configuração de incondicionalidade na disponibilidade. E então a presença constante (Metafísica), o Ser, a entidade enquanto disponibilidade do ente que já foi visada no pensamento grego (a partir de um certo momento na história ocidental), ganhou o sentido de incondicionalidade. Segundo Heidegger, a disponibilidade na presença constante tinha, para os gregos, o sentido de des*ocultação*, *ἀλήθεια* (*alétheia*) e ganhou um sentido fundamental de espontaneidade; a *φύσις* (*physis*) espontaneamente irrompe porque é desde si própria para si própria. Mas ainda o grego não pretendeu a incondicionalidade na disponibilidade, ele apenas verificou que havia uma espontaneidade na presença da φύσις. Para Heidegger, toda história do pensamento

ocidental de certo modo começou com a perspectiva grega para o Ser pois a presença vista na *φύσις* (enquanto disponibilidade) foi interpretada como espontaneidade; isto é, porque a *φύσις* manifestava a partir de si, a *φύσις* foi interpretada como espontaneidade que assim ganhou o sentido da liberdade. Posteriormente a espontaneidade também ganhou o sentido de vontade (que seria o caráter da espontaneidade), ou seja, a vontade é o caráter da espontaneidade de disponibilização. A partir dessa perspectiva-prévia enquanto a compreensão pré-ontológica (porque histórica de acordo com a estrutura temporal *Dasein*[1], portanto, imediata) da vontade, dessa espontaneidade para a disponibilização, a disponibilidade ganhou o sentido de poder. Disponibilização incondicional, possibilitação —esta então como poder.

Vontade tem como essência a espontaneidade. Segundo este pensamento de Heidegger, a vontade para o poder não é, portanto, uma concepção somente nietzscheana; esse sentido metafísico para tudo que há, apenas toma forma e nome no pensamento de Nietzsche. «Supondo que a metafísica de Nietzsche seja a consumação da metafísica ocidental, a confrontação com ela só se torna uma confrontação adequada se disser respeito à metafísica na totalidade» (Heidegger, 2007: 71), uma vez que «a doutrina nietzscheana que transforma tudo aquilo que é e como é em "propriedade e em produto do homem" não leva a termo senão o desdobramento extremo dessa doutrina cartesiana, segundo a qual a verdade é refundada na certeza de si do sujeito humano.» (Heidegger, 2007: 95). Desde o Medievo, tudo que há se torna vontade espontânea feita pela vontade divina, e é *vontade para* porque é para a disponibilização, é espontaneidade incondicionada para a disponibilização. De modo que o Ser foi compreendido enquanto Poder, no sentido de que a capacidade da espontaneidade é a *potência para*, pois o Ser da espontaneidade é o Poder a partir de si.

A Maquinação é já essa tomada de perspectiva, é, para Heidegger, a armação (*das Gestell*), a perspectiva-prévia, a própria *μορφή* (*morphé*). A Maquinação é a configuração da disponibilização incondicionada do Todo do ente em vista agora (desde a Modernidade) do Sujeito (a «liberdade» concebida pelo Idealismo), isto é, é a estrutura da articulação (significativa) de todo e um: é a articulação histórico-circunscrita, isto é, pré-ontológica da configuração do pensamento. Não obstante, «é só com a doutrina do além-do-homem como a doutrina do primado incondicionado

[1] Sobre a estrutura temporal da compreensão do Ser, imprescindível ler *Ser e Tempo* parágrafos 78 a 83.

do homem no interior do ente que a metafísica moderna chega à determinação extrema e consumada de sua essência. Nessa doutrina, Descartes festeja o seu mais elevado triunfo.» (Heidegger, 2007: 44).

Para Heidegger, Nietzsche assumiu a configuração da vontade para o Poder como princípio absoluto. Ele percebeu a vontade como conceito eminente no interior do pensamento ocidental. Contudo, Nietzsche não questionou se esta concepção para o Ser deveria ser repensada, isto é, para Heidegger, Nietzsche não viu a possibilidade de outro princípio, ele somente se certificou de que em tudo que é há vontade de poder. Não se certificou de que isto é um princípio histórico-circunscrito para o Ser e não algo da ordem de um absoluto universal da verdade de todo. Para Heidegger, este ver em tudo vontade de poder já é um perceber orientado por um princípio histórico de determinação. «Em ambos os caminhos do desdobramento da metafísica de Nietzsche, o ente na íntegra é pensado de modo maquinado (*machenschaftlich*) e o homem é determinado enquanto o executor da Maquinação, a partir da implicação essencial dele nela» (Heidegger, 1997: 32). A Maquinação é a percepção pré-ontológica do existir ocidental enquanto sujeito incondicionado condicionante, é essa percepção prévia do ente (como objeto) enquanto disponibilidade incondicionada em vista do Poder, de modo que sempre imediatamente o homem já percebe a totalidade do ente enquanto disponibilidade incondicional. «Pois esta metafísica [da vontade de poder], à qual pertence a doutrina do além-do-homem, coloca o homem, tal como nenhuma metafísica antes dela, no papel de medida incondicionada e única para todas as coisas.» (Heidegger, 2007: 94). E por isso agimos como agimos na contemporaneidade, pois esse olhar é a partir da perspectiva da Maquinação e se inaugura mais radicalmente na Modernidade com o advento da técnica moderna. Isso foi possibilitado originariamente pelo saber matemático enquanto único saber rigoroso (em vista da verdade enquanto certeza), que é o saber de antecipar as possibilidades da experiência com o ente.

> A extinção repentina do grande fogo, que deixa para trás o que nem o dia, nem a noite, o que ninguém concebe; aquilo em que o homem que foi até o fim ainda realiza suas artimanhas, a fim de continuar apenas se anestesiando junto ao produto de suas maquinações, pretendendo que esse produto seja feito para a eternidade, talvez aquele e-assim-por-diante, que não é nem dia, nem noite. [Heidegger, 2014: 259].

Mas o pensamento que pensa por sobre tudo isso é o pensamento que pode pensar o entretecimento da contenda de Terra e Mundo e da contestação do homem e de Deus.

> A luta entre contestação [*Entgegnung*] e contenda é o a-contecer [*Er-eignen*] clarificante, no qual o Deus sombreia a Terra em sua reserva e o homem provê o Mundo, a partir daí o Mundo espera o Deus e a Terra recebe o homem. Esta clareira libera toda a essenciação do acontecido [*Ereigneten*] [entretido] no a-fundamento [*Ab-grund*] do a-contecimento [*es- Er-eigniss*]. [Heidegger, 1997: 15]

O pensamento heideggeriano se coloca como o pensamento filosófico da preparação para um pensar que começa a pensar para além da Maquinação. Contenda é o nome para o entretecimento de Terra, Céu, Acenos e homem (a *Quaternidade*) que é amplamente subtraído a nós, os contemporâneos. «O aceno já frequentemente reiterado [...], também permanecerá no futuro ineficaz, enquanto aqueles que só "escrevem" uma "crítica" da questão do Ser não experimentarem e não queiram experimentar nada da necessidade do abandono do Ser» (Heidegger, 2014: 20).

Pois a Maquinação é a possibilidade da manobra estipulante e constituinte do ente na técnica moderna, e isto quer dizer que estipulamos e constituímos o ente já de acordo com essa manobra, que é a manobra do princípio moderno do Ser enquanto Poder (fundado já na subjetividade).

> A única questão é que a subjetividade consumada impede a existência de um fora dela mesma. Nada que não se encontre no campo de poder da subjetividade consumada pode erguer uma petição de ser. Até mesmo o supra-senível e o âmbito de um deus supra-sensível são derrubados. [Heidegger, 2007: 230]

Para Heidegger isto não estava no pensamento grego. Há um elo consequente, pois somos estruturalmente históricos enquanto *Dasein* e enquanto povo, mas não se pode dizer que o pensamento grego necessariamente se desdobraria no pensamento moderno e na Maquinação.

> Maquinação significa aqui a possibilidade de manobra [*Machbarkeit*] toda ela estipulante [*machende*] e constituinte [*ausmachende*] do ente, tal que unicamente nela se determina a entidade do ente abandonada pelo Ser [*Seyn*] (e da fundação de sua verdade). (O estipulável [*machbar*] é pensado aqui como «passível de vigilância» = *vigilante* [*wachbar* = *wachsam*] e daí, Maquinação no sentido de Manobra [*Machsamkeit*]). A *Maquinação* é o arranjar-se sobre a Manobra de tudo e, na verdade, de

modo tal que o inevitável da compensação incondicional é aprestado por aquela. [Heidegger, 1997: 39]

Vivemos hoje uma era de normatização e controle. A padronização das informações coloca todos sob vigilância, e tudo que é exposto na publicidade acerca de nós é vigilância sobre o Ser do *Dasein* enquanto entidade, e a entidade enquanto a maquinação (vigilância enquanto pré-ontologia). E para que? A vigilância é para garantir controle e domínio da totalidade do ente, isto é, controle e domínio (para o Sujeito determinante incondicionado) da condição do Todo enquanto recurso produtivo (através do saber matemático da técnica moderna). Ao mesmo tempo em que você é estimulado para ser vigiado, é estimulado também para ser vigia. A Maquinação é manobra permanente, pré-reflexiva e pré-temática (imediata da percepção) de modo que tudo é estipulado no sentido da vigilância e ao mesmo tempo do vigilante, e então Natureza e homem são objeto da manobra. Tudo tem que ser arranjado no sentido de poder ser manobrado nestes termos. A compensação incondicional é a mensuração que coloca tudo proporcionado à incondicionalidade da consciência que representa, e assim tudo tem que ter a função da disponibilidade incondicional. E Heidegger nos diz que essa forma de perspectivar o Todo se manifesta mais profundamente quando se instaura a pré-concepção da Natureza enquanto *res extensa*:

> Por mais unilateral e em certos aspetos insuficiente que a interpretação da natureza como *res extensa* possa ser, pensada inteiramente em vista de conteúdo metafísico e segundo a amplitude de seu projeto metafísico, ela é, apesar disso, o primeiro passo decisivo, por meio do qual a técnica das máquinas mecânico-motoras modernas e, com essa técnica, o novo mundo e sua humanidade se tornaram metafisicamente possíveis. Nos dias de hoje, nós mesmos somos testemunhas de uma lei secreta da história, uma lei segundo a qual um povo não consegue mais fazer frente à metafísica que emergiu de sua própria história no instante justamente em que essa metafísica se transforma no incondicionado. [Heidegger, 2007: 123]

E essa disponibilidade incondicional do Todo é meramente produtiva, porque fora desse sentido para o Todo, exatamente o que não se vê é a disponibilidade. O fato de a disponibilidade ser incondicional é no sentido de que tudo tem que estar disponível inteiramente; mas se a disponibilidade não for por respeito ao recurso produtivo, ela

é considerada supérflua, desnecessária. Para nós, os contemporâneos, fora dessa produtividade o ente não precisa ser nada. Por isso podemos ser, e com reconhecimento, tão tacanhos em relação a tudo que não é produtivo nestes moldes maquinados. O Todo, o Ente, é somente enquanto recurso produtivo e produtivo de valor monetário. Isso se estende por respeito a tudo, a própria *Gestell*, uma vez que é esta a armação para o pensamento e para todo o conhecimento, se estendendo à toda existência[2].

> Calcular com vistas à elevação de poder, com vistas à superpotencialização dos respectivos estágios do poder, é a *essência* da vontade de poder [...]. Enquanto um superpotencializar-se, a vontade de poder não é nunca um estado de repouso. [...] Por conseguinte, a vontade de poder é *em* si o olhar voltado intencionalmente para o mais-poder. [Heidegger, 2007: 75-76]

A ideia de progresso é aqui, portanto, a de que há sempre uma regressão no passado, como se o passado fosse menos, pior, e que por isso permite o progresso, uma vez que este assinala para uma depreciação do passado (pode-se considerar essa perspectiva bastante hegeliana inclusive —tese-antítese-*síntese*—). Esta é uma característica do Poder: aniquilar os níveis anteriores. O Poder, como se pretende incondicional, isto é, a ideia da compensação incondicional, é o que põe em jogo o caráter de arruinamento e destruição da Maquinação de tudo anterior. O Poder porque está sustentado pela vontade que é enquanto tal pela ideia pré-ontológica da incondicionalidade na espontaneidade, não pode se sustentar sem progredir destituindo os níveis anteriores. O Poder exige progresso, e a vontade é inerente a ele mesmo. «Coisa semelhante só permite, ainda que de passagem, o "progresso", pois este aqui parece ou supõe poder superar a destruição enquanto o assinalar da "regressão". A espontaneidade é da própria potência» (Heidegger, 1997: 15). O Poder exige o absoluto, só que o Poder não pode, de acordo com seu próprio Ser, parar e o absoluto seria precisamente a *parada*. A essência do Poder é exatamente não parar, progredir sempre, se parar se estingue enquanto ele próprio.

[2] Em *Ser e Tempo*, no parágrafo 32, podemos compreender própria e fenomenologicamente a estrutura da compreensão enquanto perspectiva-prévia (*vor-sicht*), que é sempre de caráter histórico interior a um Mundo, de modo que a *Gestell*, a armação é, portanto para Heidegger, a perspectiva prévia para o ente e o Ser no Mundo de sentido ocidental.

> O asseguramento do autodesdobramento supremo e incondicionado de todas as faculdades da humanidade até o domínio incondicionado de toda a Terra é o aguilhão que impele o homem moderno a irrupções cada vez mais novas e obriga a assumir vinculações que colocam em segurança o asseguramento de seu procedimento e a segurança de seus fitos. [Heidegger, 2007: 107]

Poder é assim poder de dominação do homem enquanto Sujeito do conhecimento, incondicionado, sobre a Terra; e porque o Poder enquanto tal não pode parar ele é o contínuo e permanente arruinamento de todos os níveis anteriores de modo que só pode ser aniquilação recorrente, repetida. «Agora a Maquinação disponibiliza o ente enquanto tal no espaço de jogo de uma *aniquilação* recorrente, em que ela se põe em jogo constantemente. A violência é a essência destrutiva da Maquinação sempre já desdobrada pela ameaça da destruição» (Heidegger, 1997: 16).

A violência manifesta é a essência da Maquinação justamente porque o Poder, enquanto aniquilador necessariamente dos níveis anteriores, não pode parar justamente de aniquilá-los. Em que a Maquinação se põe em jogo constantemente enquanto perspectiva-prévia pré-ontológica do saber sobre o Todo, esse estabelecimento do ente no sentido da vigilância, da manobra, da normatização, se põe permanentemente em jogo. A violência é a essência da Maquinação, pois a própria aniquilação constante é a essência do Poder que se desdobra enquanto Técnica Moderna. A característica da Maquinação, dessa exigência de disponibilização incondicional do Todo, impõe a violência porque impõe a destruição de tudo o que não se permite redobrar em disponibilização incondicional e em produtividade. Não há a *espera* [*Gelassenheit*], tudo tem que ser todo tempo disponível, não há a possibilidade do não-ser, o ente tem que ser esta presença constante disponível incondicionalmente.

A questão que poderia ser posta para a Técnica moderna é essa, em que ela tem obrigatoriamente que responder a essa estipulação do todo do ente desde sua entidade (seu Ser) enquanto presença disponível e incondicionada. E Heidegger ensina que o homem não tem nenhuma autonomia aí, sua única chance de estar de algum modo «fora», «livre», é a de furar esse sentido pela revelação do destrutível dele através da problematização da fundação histórica (ocidental) do Ser enquanto Poder maquinador. O Poder configura a submissão arbitrária de tudo, submete tudo arbitrária e exclusivamente orientado pela produção contínua, eficaz e obviamente

desenfreada. A característica do Poder é o de se intensificar sobre os níveis inferiores «a de eterno», de modo a não poder estacionar, pois este seria seu fim. Deste modo o poder de exploração não pode estacionar, de forma que não há, portanto, como impor uma ética ao Poder; uma tal «ética aplicável» também seria refém do Poder e da Maquinação.

Se é da característica essencial do Poder que ele não possa parar, então o Poder não tem limite, seu limite é a parada que seria sua destruição. A parada, talvez se manifestaria freando aos poucos, como é possível, a compreensão do ente enquanto objeto disponível incondicionalmente, a produtividade e o consumo infinitos. O Senhorio, portanto, é ser o «senhor» dessa decisão *de dentro* deste contexto contemporâneo de exploração, isto é, é compreender a condição histórica do espírito ocidental para termos chegado onde estamos. Decidir é decidir se é o próprio ou se não é isso. «O Senhorio surge da capacidade fundamental para a decisão; o Senhorio não possui apenas a dignidade, ele é a capacidade livre da dignificação originária, não de um ente, mas do *Seyn* ele mesmo» (Heidegger, 1997: 15). Por exemplo, ter o senhorio, é ter pensamento sobre a disponibilidade incondicional do recurso humano e do recurso natural. O Poder não para e pensa na destruição que causa, ele precisa enquanto tal se ampliar e se desdobrar na sua ampliação. Aquele que para e pensa, pretende algum senhorio sobre o Poder. O Poder não tem capacidade de parar. Não está no Ser do poder o «parar». «O *es-panto* expõe a partir da maquinação do ente e transpõe no in-fundado da verdade do seer – de tal modo aliás que o homem ainda não "sabe" o que lhe "acontece" e como lhe "acontece"». (Heidegger, 2000: p. 30).

A Técnica Moderna surge então, a partir da demanda da disponibilidade incondicionada do Todo oriunda da incondicionalidade do Ser enquanto o Sujeito Moderno, isto é, da incondicionalidade na disponibilidade da presença. O homem é, nestes termos, o capataz da técnica, ele é seu operário, seja em que grau financeiro estiver. Ele é o estipulante da estipulação. E porque ele ainda se concebe como animal racional, isto é, somente como razão, pensa ser o dirigente dessa manipulação, dessa manobra. O homem no horizonte da Maquinação é o mais manipulado porque ele não tem consciência de que tem que fazer o que a Maquinação pretende.

A Maquinação é, portanto, o próprio legar-se do Poder. Ele se lega a ele mesmo enquanto Maquinação, ou seja, enquanto controle incondicional do Todo. A ideia de

Poder é pensada por Heidegger enquanto «a auto-inundação de uma corrente de força solta e programada» (Heidegger, 1997: 18). O que quer que seja pensado enquanto ente tem que estar dentro da significação implícita do Poder. «Totalidade», «planetário», «racional», pensamo-las como estruturas a-históricas, intrínsecas ao Poder. Mas não são estruturas a-históricas, pelo contrário, são propriamente orientações tão-somente históricas[3]. São orientações pré-ontológicas nas quais o Ser se recusa a vir à tona no ente, mas isso ressoa em nós como uma recusa do Ser na aceitação incondicional do ente. Embora o Poder impeça a decisão, ele também mostra que está obliterando algo.

> Faz-se menção ao «*Racional*» e comparece aquele caráter de cálculo em todo comando normativo, o qual cerca a esfera fechada da distribuição e direção das forças. Indica-se o «*Planetário*» e isto pretende significar que os empoderamentos do Poder não apenas são «totais» em si (reportados a um Estado, a um Povo), mas antes que suas barreiras só se põem nos limites do globo terrestre habitado e no horizonte de sua disponibilização (da atmo- e estrato-(e)sfera), o que significa ao mesmo tempo que o Planeta no todo é empregado enquanto estrutura de poder para a «prontidão» [*Einsatz*] e, portanto, a descoberta de um oponente planetário se torna inevitável. Sim, todas estas e outras caracterizações da essência do Poder, porque não são essenciais, jamais bastam para conhecer a Maquinação enquanto tal, i. é, na perspectiva histórica do *Seyn* [*seynsgeschichtlich*], para concebê-la enquanto uma forma imperativa da auto recusa do *Seyn* e de sua verdade infundada; pois tal conceber somente se consuma em um decidir, através do qual a Maquinação enquanto tal vem a postos, por um lado, em sua essência revelada e, com isso, de todo. Todo Poder e toda essência detentora do poder, contudo, é em si o esquivar-se frente tais decisões, cuja peculiaridade da essência, justamente por isso, permanece oculta ao Poder, porque o seu caráter imperativo abrange o primeiro plano, mas, contudo, o imperativo ao menos apresenta a transmissão e a moldagem de uma *decibilidade*. Pois não toda decibilidade surge de uma decisão; se alguma vez, a decisão não precisa ser nenhuma decisão essencial, de forma que seja posta nela a essência do Ser ele mesmo aí em jogo (Eis porque todos os detentores do Poder gostam de se servir da «juventude» conveniente a eles, porque ela traz consigo a ignorância necessária, que garante a irreverência e a incapacidade de veneração, que são necessárias para conduzir através delas a destruição planejada sob a aparência do novo abalo e, com isto, esquivar-se de toda decisão). [Heidegger, 1997: 18-19].

O Poder, sua estrutura enquanto as características de: dinâmica, imperial, são consideradas por Heidegger como características da essência do Poder. Contudo,

[3] De acordo com a estrutura temporal da compreensão do Ser lograda em *Ser e Tempo*, nenhuma ideia contém nela a possibilidade de ser a-histórica (incondicionada) e não-intramundana (universal). (*Cf. Ser e Tempo*, parágrafo 68).

quando se aborda a essência pelas particularidades tornando uma delas como determinante do Poder, o que se perde é justamente a essência, porque isso são características da manifestação do Poder, mas não dizem qual é o fundamento histórico, isto é, o fundamento ontológico-fenomenológico (histórico-essencial). De modo que a busca para entender o fundamento do Poder se perde quando nos enredamos nessas caracterizações das particularidades da essência em seus modos de manifestação.

Desde há muito, pensamos que se soubermos o que é concreto subsistente no fenômeno saberemos *o que é* o fenômeno. Isso tira precisamente o acesso justamente aos fundamentos. Pensa-se, por exemplo, a Política como a verificação dos fatos em si e muito provavelmente por isso não se consegue nenhuma abordagem mais aprofundada (histórico-intramundana) dos fenômenos, porque os fundamentos ficam fechados frente à mera concretude do fenômeno subsistente externado em suas características subsistentes. Heidegger considera que essa forma de enredamento do pensamento no concreto (a Metafísica, isto é, o Ser enquanto entidade do ente) é o que institui a eficácia máxima da Maquinação. Perder o acesso à essência enquanto Ser e tempo e ainda atribuir ao ente um saber último (Metafísica), só pode ser eficaz à própria Maquinação. Portanto, a Maquinação sempre já esteve livre da obrigação de se manifestar na sua realidade, na sua verdade. A nossa pretensão e ilusão de acesso ao saber nele mesmo é o que, para Heidegger, precisamente nos tira da possibilidade própria do saber. O filósofo ensina que isso configura um fenômeno de auto recusa do próprio Ser, o Ser se recusa a ele mesmo através do ente.

Heidegger ensina que o *dá-se* Ser tem duas características: O Ser que dá o ente, isto é, a configuração possível, e o Ser que se recusa a si mesmo enquanto doação do ente ao dar o ente. O que a filosofia heideggeriana tenta «aqui enquanto decisão é apenas a preparação da prontidão para a assunção da história de uma verdade fundada. O giro é a *virada essencial da entidade para o interior do seer* enquanto descobrimento da recusa (acontecimento).» (Heidegger, 2000: 27). Essa auto-recusa do Ser e de sua verdade infundada —de uma verdade que nunca foi fundada porque à Metafísica o Ser ele mesmo não aparece, o que aparece é somente a entidade do ente— é o que, para Heidegger, constitui o fundamento da Maquinação, como um fundamento invisível, o Poder, que na História do pensamento não se deixou sequer indicar. Um olhar

inquiridor dos fatos sequer suspeita ou vê indicado esse fundamento da Maquinação, essa fundamentação para o Ser, para tudo que há. O Ser, ao se ocultar, se oculta e oculta a sua verdade, deixando sua verdade infundada. Quando se aborda o Poder pelo imperativo que é um mero primeiro plano do Poder, tem-se pelo menos a transmissão e a moldagem de uma *decibilidade*.

> Todo Poder e toda essência detentora do Poder, contudo, é em si o esquivar-se frente tais decisões, cuja peculiaridade da essência, justamente por isso, permanece oculta ao Poder, porque o seu caráter imperativo abrange o primeiro plano, mas, contudo, o imperativo ao menos apresenta a transmissão e a moldagem de uma decibilidade. [Heidegger, 1997: 19]

«Moldagem» porque ou a decisão fica na configuração do fato, factual do fenômeno, ou não se satisfaz com tal configuração para o fenômeno. Tomar o factual como caráter último do Ser não basta para tomar o fenômeno na perspectiva histórica; pode-se fazer o apanhado histórico como faz a antropologia, como também Nietzsche faz: primeiro com a instituição dos valores supremos, depois com a destituição desses valores supremos. Nietzsche viu o valor enquanto forma de gradação do Poder. Mas, para Heidegger, ele não viu que o Poder tem o sentido histórico (ou seja, não absoluto) da própria recusa do Ser e da sua verdade. Nietzsche compreendeu a vontade para o Poder como caráter derradeiro do Ser (entidade) do ente.

Uma *decibilidade* só surge de uma decisão essencial que põe a essência (histórica) do fenômeno em jogo. A falta deste jogo não é uma negligência do homem, mas pertence à estrutura da ideia (enviada desde o primeiro início do questionamento filosófico) de compreensão enquanto apreensão do concreto, onde o Ser é o concreto, a entidade, o subsistente, onde só o concreto aí é Ser (ou «tem Ser»). Esta referência, que é a referência central do conhecimento ocidental, é ficar preso na «ficção» do concreto (entidade) como fundamento da verdade. Para Heidegger, só através dessa experiência superficial do pensamento, é que cresce uma atitude que supõe tocar e reconhecer o Ser, aquilo que é, por simplesmente se instalar na ideia do concreto enquanto sobrepujança [*Übermächtigung*] do Poder e, portanto, do aumento da sua violência. «Onde somente o inevitável é aceito, de antemão o necessário também já não é experimentado. Este, contudo, só pode ser experimentado através do saber da *penúria* apreendida que prevalece em um ente, o qual apreende em essência a entidade»

(Heidegger, 1997: 19). Interpreta-se todo fenômeno desde o concreto, da permanência no concreto, enquanto esta disponibilidade permanente que já estava percepcionada desde os gregos, e isto quer dizer que somente na penúria do *Dasein* por respeito à apreensão do ente é que se tem a possibilidade de ser tocado pelo problema do necessário. Enquanto não se compreende a penúria do existir enquanto ente que apreende imediata e pré-temáticamente a totalidade do ente na entidade dele (na sua presentidade constante que historicamente passa a ser percepcionada enquanto disponibilidade incondicionada), não se compreende ainda o necessário. E não se tem o *Dasein* enquanto paupérrimo para isso, isto é, não se o tem pobre historicamente para abordar o Ser. Pelo contrário, temos a nós mesmos como o ente que conhece e historicamente vem conhecendo cada vez mais a partir do «progresso» da Ciência. Vivendo essa ilusão, não há, para Heidegger, como ter a mínima intuição do necessário. «Permanece por se decidir se o homem através de tal coerção é capaz de experimentar a necessidade previamente preparada [*vorausbereitete Not*], se ele conhece aquela coragem e paciência que superam essencialmente todo poder, violência e rigidez» (Heidegger, 1997: 85). Ou seja, desde a Modernidade estamos cada vez mais fora do Ser, com a pretensão de achar que estamos mais dentro de tal conhecimento do que nunca, de modo que efetivamente confirmamos a eficácia da conduta cognoscente (incondicionada condicionante) na era da consumação da Modernidade, ou seja, confirmamos a eficácia da própria Maquinação, configurada na forma técnica do conhecimento.

E o crescente saber do Poder implica o que é essencialmente eficaz a ele, o que só vem à tona quando se sabe que lugar o Poder ocupa na ocultação do Ser. Aí podemos compreender o que é propriamente o Poder e onde ele concretamente é eficaz. Essa amplitude do Poder sempre alcançada é na verdade a aniquilação pertencente à essência do Poder enquanto uma forma prévia da incondicionalidade; isto é, o paradigma da incondicionalidade põe para o Poder uma imposição de elevação ilimitada. Como dito, tal imposição é sempre pensada no sentido de que tem que destruir sempre os níveis atrás (a história), o que configura para Heidegger a incondicionalidade da devastação essencial. A devastação essencial do Poder é dada ao Poder a partir da ideia de incondicionalidade que implica nessa imposição de aumento incondicional. Por exemplo, pensado na perspectiva do saber

contemporâneo, o saber do Direito é também (como todo conhecimento) refém da Maquinação, pois configura, por exemplo, o direito à dominação da Natureza. Se discute então que o Direito deve ser determinado por uma ética. Mas o que está fazendo «oposição» a este estabelecido entra também no Poder e de novo vai assumir a Maquinação: «ali onde o Poder se lega à violência, acumulam-se os apelos ao "Direito", palavra esta que denomina tão só aquilo o que, antecipando-se à autossobrepujança [*Selbstübermächtigung*] deve ser posto enquanto pretensão à ampliação do Poder e efeito da violência» (Heidegger, 1997: 20). O que vale de princípio para todo saber, para todo conhecimento, é implicitamente a dominação.

A entidade do ente (o sentido do Ser enquanto subsistência —presentidade constante— em toda perspectiva metafísica) enquanto Poder se torna aquilo que se faz a ela mesma: Ser enquanto produção contínua imparável. Quando a *objetidade* [*Gegenständlichkeit*] é a própria produção do objeto pela consciência, o que isso tem como efeito é justamente a auto-constituição do Sujeito, a constituição da contraposição-representação do objeto enquanto verdade do objeto.

> A superioridade [*Übermacht*] da Maquinação se mostra o mais exacerbadamente ali onde ela se apodera também do Pensamento e arranja o Pensamento da entidade do ente de modo da maquinado [*machenschaftlich*], na verdade de modo tal que o Ser [*Seyn*] ele mesmo é para ser tornado aquilo que se faz a si mesmo —arranja e erige. A precondição para isto é, primeiramente, a explanação do Ser enquanto «objetividade» do «objeto» [«*Objektivität*» *des* «*Objekts*»), enquanto objetidade do contra-posto [*Gegenständlichkeit des Gegenstandes*]. A objetidade é co-estituída e esta «constituição», por seu lado, é redirecionada para uma auto-constituição do «Sujeito» [«*s-Subjekt*»], isto é, do «Pensamento». O Ser, concebido enquanto «Devir», se torna assim «constitutivo»; mas aí a forma do «Devir» é o «tempo»; resulta desse caminho maquinado [*machenschaftlichen Wege*] da explanação do Ser uma conexão evidente entre «Ser» e «tempo» — ordens de ideias que não possuem *nada em comum* com o que foi questionado primordialmente sob o título «Ser e tempo», mas também ordens de ideias que nada podem suspeitar daquilo o que elas têm legado [*übermächtig*]: a partir do Ser enquanto a Maquinação, que força que o Pensamento de sua essência seja ainda a forma dela, o que tem por consequência um estado, que recusa a esse Pensamento, isto é, à Metafísica ser impelida alguma vez para a verdade do *Seyn* ainda que apenas enquanto questionável. [Heidegger, 1997: 20]

O Ser assim é devir porque pensado como produção da consciência. Sendo que, para Heidegger, a forma própria do devir é o tempo. E a Metafisica não pode se questionar como vem se manifestando Ser porque, além da entidade do ente a cada vez não poder

ter sido pensada em termos fenomenológico-históricos por conta mesmo da forma do questionamento metafísico, a Maquinação força o pensamento da essência dela a ter ele também a forma da Maquinação, a forma técnica. Portanto, como esse pensamento vai descobrir a essência da técnica se ele se comporta condicionado pela estrutura do saber enquanto Maquinação? Já dissemos que esta se oferece como caráter do ente, pois o ente é disponibilidade incondicional para a dominação do homem enquanto Sujeito que é o que caracteriza o pensamento pré-ontológico (histórico [4]) da Maquinação. O propósito precisa então que tudo seja nivelado enquanto meio, ou seja, os meios da dominação têm que ser identificados aos propósitos. Então esses meios são desfigurados para poder se justificar como propósito, e os propósitos por sua vez serão desfigurados para poder serem nivelados enquanto meios.

> No campo irrestrito da Maquinação em meio à ocupação cotidiana, «propósito» e «meio» só se propagam enquanto articulados [*Gefügemächte*]; isto de modo assim para que todos os propósitos e aquilo o que é ante-posto [*vor-gestellt*] enquanto tal de modo modelar sejam nivelados enquanto meios. [Heidegger, 1997: 22]

O Poder se compromete a si mesmo, se implica a ele mesmo na figura da outorga de Poder, da autorização de poder: a eficácia. Quando a questão é a dominação, a *Gestell*, todo resto vai a reboque. O que importa é a outorga de poder do Poder de modo que não se pode falar em metas, ou éticas possíveis de estabelecer quando o Ser é Poder enquanto outorga de poder.

Mas essencialmente a Terra recebe o homem enquanto aquele que provê o Mundo (de sentido), o que extrai dela para prover o Mundo. E o Mundo de sentido histórico espera o Deus (os acenos) que está fora e que não pode vir, pois não tem para onde vir. Nosso Mundo espera sem preparar nada para o Sagrado, desta mesma Terra. Espera somente no sentido do nosso desespero por milagres. A clareira que se abre, da compreensão da contestação do homem aos Deuses, aos acenos, e da contenda entre Natureza e sentido (Terra e Mundo), quando se entende que o Deus afastado

[4] Sempre repetindo a importância *sine qua non* da obra *Ser e Tempo* para que possamos compreender propriamente o pensamento de Heidegger, e enfatizando que sem *Ser e Tempo*, sem a analítica do *Dasein* enquanto estrutura de compreensão temporal do Ser, não é possível a compreensão própria de nenhuma questão histórica na fenomenologia heideggeriana.

obscureceu o Mundo e a Terra se tornou somente objeto, e objeto de extração para prover o Mundo, então entende-se o que se tornou a reportação Terra, Céu, homem, Acenos (a Quaternidade).

> Só quem concebe o fato de que o homem precisa fundar historicamente a sua essência por meio da fundação do ser-aí, o fato de que a insistência da pendência do ser-aí não é outra coisa senão a moradia no espaço-tempo daquele acontecimento, que acontece como a fuga dos deuses; [...] [aqui] consegue-se pressentir a essência do Ser e preparar em tal meditação a verdade para o futuro verdadeiro. Quem se sacrifica por essa preparação encontra-se na transição e precisa ter se lançado antecipadamente muito longe, de tal modo que não pode esperar do atual, por mais imediatamente urgente que esse possa se mostrar, nenhuma compreensão imediata, em todo caso apenas resistência. [Heidegger, 2014: 54s]

Para Heidegger esse é o acontecimento no sentido da primeira clareira, no não-fundamento, fora do fundamento do ente (fora da entidade), no abismo do Ser, no acontecimento. O *Dasein* é, ao contrário de tudo isso, abertura compreensiva interior a Mundo (condicionado), um puro possível.

Mas a Maquinação corresponde justamente à ideia do Poder enquanto incondicionalidade dele mesmo. É isso que constitui a Maquinação como propósito do Ser e como forma do pensamento: a ideia de auto-produtividade. Quando Heidegger diz que a Maquinação se apodera do pensamento, no sentido de que a entidade do ente passa a ser percebida como autoprodução do concreto de si mesmo, ele diz justamente que a Maquinação mostra seu poder mais exacerbado na Modernidade quando o pensamento é na perspectiva da sua própria autoprodução, a autoprodução ponente da consciência. A Maquinação já sempre esteve, pois, desde os gregos, já se visava o Todo do ente em termos de pura disponibilidade. Tal visada é extraída do modo de conceber a Natureza enquanto presença a partir da constância e da presentidade dela. Mas a questão que se impõe é: a Natureza é concebida assim por conta do procedimento preparador da estrutura *Dasein* enquanto lida ou este procedimento também é já orientado por essa apreensão imediata da Natureza? Heidegger pensa a visada metafisica da Natureza, isto é, do ente enquanto subsistente, pela via da disponibilidade. A subsistência para o Ser do ente não se manifesta pela subsistência simplesmente, mas porque a subsistência é a possibilidade do (ente enquanto) disponível, de abordar a totalidade pela via da disponibilidade. E

Heidegger na obra *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia* (Heidegger, 2012), pensa isso na perspectiva do procedimento preparador inerente à estrutura *Dasein* enquanto cura (curadoria), de onde surge a perspectiva do Ser enquanto subsistência.

Contudo, o procedimento preparador é em todo *Dasein* porquanto ele seja estruturalmente lida, mas a perspectiva do ente enquanto subsistência não é para todo e qualquer *Dasein*, para todo e qualquer povo (não ocidental). Não se pode dizer que todas as civilizações apreenderam a totalidade do ente na perspectiva meramente da subsistência e da disponibilidade. Para Heidegger, o pensamento ocidental pensa o ente Natureza como subsistência e disponibilidade. Esse todo do ente, o grego o concebeu como *φύσις* e pelo fato da presentidade [*Anwesenheit*] ter visto na *φύσις* uma permanência, *φύσις* era então a permanente presentidade disponível. Então a *φύσις* era o ente subsistente determinado pela disponibilidade. Heidegger faz uma crítica no sentido de que se Aristóteles tivesse pensado a presença não a partir da presentidade constante, *οὐσία*, mas a partir da presentificação, ele pensaria com isso necessariamente o tempo e não teria, portanto, tomado o Ser pela subsistência, pela entidade, porque toda presentificação implica necessariamente uma despresentificação permanente (finitude), de modo então que não poderia conceber o ente pela sua permanência enquanto subsistente. A presentidade para o Ser do ente é uma característica fixa, já a presentificação seria dinâmica, pois implicaria em ter que pensar a despresentificação: tempo. A *φύσις* não presentifica sem *despresentificar*; por exemplo, ao presentificar uma flor ela *despresentifica* o botão.

> Por todo lado aquela primeira verdade do Ser enquanto *φύσις* [presentidade constante] —segundo diferentes modificações— está em jogo; que o teor da «natureza» no sentido de coisa que permaneça, com isto, é apenas uma forma da ulterior *pres*-entificação [*Ver-gengenwärtigung*], e isto não é decidido metafisicamente, mas ganha o seu papel da essência do Ser da *φύσις*. [Heidegger, 1997: 86]

A ideia da Maquinação está, portanto, para Heidegger, posta primordialmente na ideia pré-ontológica da disponibilidade inicialmente, no pensamento grego, projetada sobre o permanente da *φύσις*. Essa ideia da disponibilidade é o que primeiramente instaurou a Maquinação. Contudo, embora o grego pensasse e compreendesse o ente pela disponibilidade a partir da permanência e não pela finitude, a determinação da

disponibilidade do ente não era dada na produtividade somente por ela mesma em vista do mero recurso. A determinação da disponibilidade era dada no contexto de ocupação com o ente. O ente em Aristóteles tem quatro causas, o que mostra *o contexto para o qual* algo é produzido; se algo é produzido para um sacrifício, era totalmente produzido e determinado pela necessidade de um contexto que é da ordem do utensílio sacrificial. De modo que a disponibilidade posta para o sentido do Ser nos gregos, não era uma auto-produtividade pura e simples, pois não se trata simplesmente de produzir. Há todo um engajamento e uma estruturação determinante. Mas a ideia de causa eficiente que o Medievo tomou de Aristóteles acabou por colocá-la no Sujeito Moderno (cuja essência é ser livre e incondicionado), o que retirou esse sentido estrutural da produção contextual (não da mera disponibilidade incondicionada) e colocou-a na lei universal de uma consciência ela mesma produtora de todo Ser. Mudou a perspectiva. E é nessa virada epocal de perspectiva para o Ser que a Maquinação se apodera completamente do pensamento. O pensamento moderno/contemporâneo pensa estar sempre mais se apoderando do ente, mas é a Maquinação que sempre já está se apoderando do pensamento. Não há mais o contexto existencial determinando o pensamento, o ente, como havia nas causas aristotélicas. É puramente o contexto lógico da produção incondicionada da tecno-ciência em vista de recurso e reserva infindáveis. Isso configuraria

> [...] o niilismo enquanto o mais elevado triunfo do «*espírito*»; pois a subjetividade torna-se incondicionada no niilismo; o saber do cálculo que sempre vem à tona; a vontade de força de comando que não se esgota; o devir enquanto continuidade até mesmo do descontínuo. [Heidegger, 2000: 62]

O devir é, nestes termos, o tempo não como temporalidade, mas como o contado no movimento. Mas desde Descartes o devir é pensado como devir da consciência, o movimento dela mesma, sua própria autoprodução. Devir se torna o caráter do movimento *objetivante* da consciência sobre ela mesma. A Metafísica não tem, portanto, como ser impelida para a verdade do Ser, porque o Ser já é sempre instituído na forma metafísica, no sentido de impelir para a certeza de fundamento. Se a subjetividade é o fundamento certo inquestionável, o que tenho mais para questionar? Parece um contrassenso questionar o que já se fundamentou diante de mim como certo e

inquestionável. «O homem é aquele ente que se encontra na base de todo ente, isto é, expresso em termos modernos, de toda objetivação e representabilidade, ele é o *subjectum*» (Heidegger, 2007: 44). O Ser é a subjetividade, a subjetividade se dá como Ser, de modo que a Maquinação fica suposta no ente, no próprio comportamento com o ente. Ela, portanto, fica desenraizada do fundamento dela, enquanto percepção. A compreensão do Ser fica vetada como questão e o Ser suposto na subjetividade do ego cogito aloca a Maquinação enquanto a exigência de disponibilidade incondicional.

> A consumação da Era metafísica «libera» o Ser para a Maquinação; mas o homem (o guardião desconhecido da verdade do Ser), de imediato se consuma enquanto o desprezador da verdade do Ser, na forma de um desprezo Daquilo que deve permanecer, pois, desconhecido por onde ele passa. O animal racional tornou-se sujeito e desdobrou a Razão em historiografia, cuja essência coincide com a essência da Técnica. [Heidegger, 1997: 27]

Dissemos que o que tem a exigência de disponibilidade incondicional do Todo primariamente é a consciência, a razão. É ela que se apresenta como a produtora incondicional da disponibilidade (pois representa tudo), ou seja, do saber, da verdade. Não é dado à consciência subjetiva-objetificante questionar por que a disponibilidade é um critério tão determinante para o Ser do todo, ou porque a consciência tem que ser a produtora incondicional da disponibilidade. De modo que a questão da disponibilidade enquanto questão do Ser, fica de fora. Parte-se do caráter produtor da consciência (devir) para afirmar o Ser, tudo que é (enquanto disponibilidade incondicionada) sem poder se perguntar por que a disponibilidade é o critério do Ser do Todo (o que é fundamentalmente uma questão fenomenológico-histórica). Mas como a consciência vai fazer essa pergunta a ela mesma que se pensa enquanto fundamento do Ser, se o propósito dela é dizer a verdade a partir da representação atemporal que ela tem de si mesma e de tudo que há? O que tem que imperar com a consciência alocada nesse lugar é o meio, isto é, ela é o meio de disponibilização do ente. «Os meios encontram certamente a sua lei única no processo de mediação. Eles mediam unicamente a mediação enquanto tal, a pura outorga [*Ermächtigung*] do Poder, que compromete a si mesmo na figura da mera outorga» (Heidegger, 1997: 27). A questão da eficácia, ou seja, da concretização da Maquinação, é o verdadeiro

propósito em termos de verdade dada para manuseio. Nós manuseamos com as verdades, decidimos e comandamos manipulando verdades.

E o Poder se *tem* a ele mesmo no sentido da mera concessão de poder. Poder é cessão de poder na mera outorga. Neste sentido as metas são supérfluas, não interessam, o que interessa é a eficácia da pura outorga de poder do Poder. Por isso a *substituibilidade*. E é isso que destrói a existência no sentido de uma exigência genuína, porque como o Poder incondicionado é o critério, e o Poder é poder de concretização incondicional não importa o que ou para que, então o que importa é somente produzir e concretizar; de modo que não há espera, *deixar-ser* para o Ente, há apenas *substituibilidade*. E uma vida genuína que se alimenta da espera na compreensão de um todo, muito raramente consegue ser, pois o Todo está engolido pelo Poder em sua outorga ininterrupta. A concretização é que tudo se torna substituível, portanto, sem tradição, sem história, descartável. Mas isso não consegue propriamente ser pois:

> [...] como nosso ser é um ser histórico e, em verdade, um ser tradicional e determinado pelo sido, a meditação necessariamente se transforma na questão acerca da verdade da história da filosofia, meditação sobre seu primeiro início que a tudo ultrapassa e seu desdobramento em direção ao fim. [Heidegger, 2014: 47]

Vivemos, na contemporaneidade e, contudo, não podemos enquanto povo, ser propriamente nossa estrutura enquanto históricos. A *substituibilidade* é o sentido último da técnica, que também é incondicional. O Poder para se manter como é, precisa substituir incondicionalmente, permanentemente, pois sua essência é subsumir os níveis anteriores (destruição – progresso). Todo problema do Poder é que ele não pode se dar ao luxo de parar, ele só é poder crescendo e se mantendo como o que aniquila o nível anterior. Ele tem que aniquilar o anterior, essa é sua essência própria, seu Ser.

> A Maquinação enquanto a essência do ente, enquanto a forma segundo a qual este é universal, impõe a completa soltura [*Loslassung*] de todas as forças capacitadas e transformadoras no ato de legar-se do Poder [*Sichübermächtigen*]. Em conformidade com esta essência fundamental do Poder este se pôs continuamente já sempre em uma amplitude e elevação, cujo alcance já só pode valer para o secundário e meramente à vista no processo externo. Este legar-se do Poder que corre em tal posicionamento [*Fort-setzung*] se mostra em múltiplas manifestações, que, assim experimentadas,

recaem em uma interpretação auxiliada pelo conceito metafísico constantemente transmitido. [Heidegger, 1997: 18]

Mas o homem para Heidegger não é a fonte da verdade, ele é o lugar de abertura da verdade tal como ela se encontra historicamente. Ele é na luta pelo *poder-ser* devedor de si próprio na clareira da verdade. Ele não tem a verdade em uma consciência subsistente embutida; ele tem a verdade no *lugar em que se situa*; isto é, ele tem a verdade no estar situado no aberto, na clareira, no primordial vazio para a possibilidade de acolhimento do ente, de encontro do ente, na perspectiva e na dimensão desse aberto em que se encontra. Isto é ser simplesmente o *lugar* da verdade. «[A] "questão do sentido do Ser". Esta formulação foi abandonada mais tarde por essa outra de "questão da verdade do Ser" — e, finalmente pela "questão do lugar, ou da localidade do Ser" — donde o nome *Topologia* do Ser» (Heidegger, 2003: 46). É este situar-se que dá a dignidade; o situar-se na localidade da proximidade da fonte (na proximidade da distância), o Ser. O que não configura de forma alguma uma ética ou moral a ser seguida ou aplicada. Por isso este situar-se no próprio não dá de retorno uma autoestima que nesse sentido se configura como uma fantasia; a ética própria é enquanto sustentação do situar-se na proximidade da fonte, do Ser, na proximidade da distância, a qual, para Heidegger, nenhuma resposta metafísica foi capaz de se aproximar. Tal ética só poderia mostrar permanentemente o quanto imediata e regularmente somos remissos, de modo que o que esta ética pode nos dar não é nada da ordem de uma autoestima, mas apenas um respeito pela luta contra nossa própria impropriedade. E pode dar ainda mais: a crítica pelo caráter de adequação da luta à necessidade. Neste sentido não há de modo algum a possibilidade de conforto para o *Dasein* em meio à Maquinação percepcionada —contudo, há genuinamente liberdade. Se há algo que se pode sentir derivado deste comportamento é algum sentimento de liberdade frente ao estabelecido.

A meditação na via da essência do pensamento historicamente pensado e não partir de um pensamento que se autodetermina como subjetividade, deve descobrir como e porque em algum momento o homem se determinou enquanto subjetividade e o ente enquanto objeto. E deve descobrir que a partir desse momento a Maquinação tomou conta dele. Isso o grego não fez e nem o medieval, porque o medieval ainda tinha o Deus como princípio. «O que é novo no tempo moderno em contraposição à época

medieval cristã consiste no fato de o homem tomar por si mesmo e a partir da sua própria capacidade a iniciativa de se tornar certo e seguro de seu ser-homem em meio ao ente na totalidade». (Heidegger, 2007: 98). E o próprio grego tinha colocado o *sempre-sendo* como princípio. As frases de Nietzsche: «Deus está morto», «viva agora o super-homem», o para-além do homem, talvez configurem propriamente nós, os humanos contemporâneos da técnica. O Ser, tudo que há, é mero recurso de produção de modo que nem o Ser é mais o máximo ente, o sempre-sendo grego ou o Deus medieval. A Maquinação é o maior dos golpes na humanidade, porque quando o homem sem muito perceber pensou que poderia matar Deus e ficar no seu lugar, ele se tornou ele mesmo escravo da Maquinação.

§ Considerações finais

O «salto» e a meditação sobre o «passo de volta».

> Mas a palavra é a voz [*Stimme*] da luta entre contestação e contenda entoada [*angestimmt*] a partir do Acontecimento, afinando [*durchstimmend*] a clareira e sintonizada [*abgestimmt*] com o abismo [*Abgrund*] do Ser. De acordo como o contra-jogo da acontecência [*Ereignung*] [entretecimento], toda palavra essencial (qualquer sentença) é ambígua. Mas tal ambiguidade não conhece a vulgaridade do desenfreado, ela permanece engastada na riqueza da unicidade do *Seyn*. Porque a palavra essencia o Ser enquanto palavra, toda Dialética das «proposições» e dos «conceitos» se move no constantemente contraposta [*Gegenständlichen*] e interdita todo o passo para a meditação. [Heidegger, 1997: 23]

Nenhuma palavra essencial pode não ser ambígua, pois nenhuma palavra essencial se dá como uma categoria clara e fixa. Carrega em si o oculto enquanto oculto, é sempre um problema, nunca é uma resposta configurada para manipular e reproduzir. A unicidade do Ser que implica a unicidade de Ser e verdade, sendo o Ser finito, significa que o Ser é determinado pelo tempo, de modo, portanto, que não se pode fixar a verdade do Ser numa categoria universal manipulável e distribuível; só há possibilidade de ter a verdade do Ser como problema acerca do Ser. As contradições puramente lógicas interditam a meditação, portanto. Sempre queremos uma verdade utilizável, sempre adoraríamos tê-la compreendida inteiramente para oferecê-la como manipulável para o consumo e para o próprio reconhecimento. Com isso o que se quer

é uma verdade normativa, que se dê como norma para dominar: a própria forma da Maquinação. E o que não é isso é o punível, o desprezível. Todas as diferenças são, portanto, para serem niveladas aos parâmetros universais e normativos de uma tal verdade. Só a nivelação é o projeto do Poder. A Maquinação é esse projeto do Poder de se sobrepujar a si mesmo e sobrepujar o ente a partir da ideia dele próprio enquanto disponibilização incondicional. Isso caracteriza a inauguração do pensamento enquanto Ciência Moderna e seu desdobramento enquanto Técnica.

Heidegger então propõe um discurso acerca do sentido próprio do *Dasein* como contraposição a essa forma de compreensão enquanto armação, e a forma própria que o pensamento enquanto meditação tem para assumir como modo de se contrapor a isso, isto é, de insistir na abordagem do Ser enquanto Ser, ou de recusar a normatividade do pensamento do Ser em termos de eficácia, em termos de concretização pelo concreto. Pois com respostas normativas novamente repetimos o que já é e oferecemos um concreto como princípio de concretização. Mas o pensamento em Heidegger não pode mais se oferecer proposições exatas sobre o Ser, proposições demonstráveis ou metafísicas, pois proposições demonstráveis obviamente só concernem ao ente, não podem concernir ao Ser. Se o Ser é nada, então ele não se deixa estruturar em uma proposição, menos ainda se deixa representar.

O próprio pensamento nestes termos não pode mais se pretender nenhuma representação. No diálogo *Serenidade* (Heidegger, 2000*a*), o filósofo apresenta o pensamento como *espera* e este é um texto norteador, pois ali o filósofo diz precisamente que é preciso que o pensamento se abstenha da vontade, do lugar de sujeito do conhecimento, o que significa se abster da espontaneidade da representação, a espontaneidade da disponibilização de um concreto determinado, que é «a realidade do real enquanto o ter-sido representado *pelo* sujeito representador e *para* este» (Heidegger, 2007: 95).

É preciso que o pensamento se tenha enquanto espera, portanto, se mantendo no vão, no abismo, se mantendo e se sustentando nesse entremeio de Ser e ente, como modo de experimentar o que o filósofo nomeia de a *livre amplidão* [*die freie Weite*] do pensamento que é a única apresentação possível para um âmbito onde o ente possa aparecer fora do lugar de objeto, porque fora do lugar da representação da consciência por e para ela mesma. Não adianta, portanto, para este pensamento, que meu

pensamento se decida contra a Metafísica em uma perspectiva meramente crítico-historiográfica, dentro do contexto de comportamento dessa Era. Do contrário, é o se colocar a postos, no lugar e em prontidão, aberto para o que se oferecer como sentido para o Ser, o que não é uma negligência de um simples esperar largado que algo venha. O sentido precisa do *lugar*, e este é a espera. Porque o problema da representação é o desejo e a expectativa de controlar, de articular tudo que vem de sentido com o já sabido e representar, e como o propósito prévio (a armação) da percepção comum é de controle e dominação, o pensamento, de acordo com sua historicidade, se assanha e se antecipa no sentido de ter logo o controlado na sua posse.

Na medida em que escolhemos esta filosofia heideggeriana como discurso diretor e orientador da compreensão, mesmo com todas as nossas contradições podemos com muita espera e abertura, isto é, mantendo-se na ignorância, lograr sustentar uma verdade mais originária. A ideia de Heidegger é que esse pensamento, na medida em que ele se sustente aberto como um pensamento da verdade enquanto *ἀλήθεια*, permita uma transfiguração da percepção imediata do *Dasein*, da perspectiva do que seja a questão acerca do Ser. É claro que isso só vai ser logrado na medida em que cada vez mais a Técnica Moderna se inviabilize nela mesma, isto é, se inviabilize enquanto sentido norteador de verdade, onde ela própria começa a possibilitar e apontar para uma outra forma de compreender. Estamos fora do abismo do Ser porque a Maquinação e homem compreendido como o animal racional não se sustentam no abismo, no aberto, no afundamento; e não se sustentam não por uma questão de escolha ou vontade, mas simplesmente porque não cabe a esta configuração a-histórica do Ser para o Todo a sustentação no abismo. Mas isso também quer dizer que o Ser já está apelando nesse sentido.

> A necessidade da filosofia consiste no fato de que ela não precisa afastar como meditação aquela indigência, mas suportá-la e fundamentá-la [historicamente], e transformá-la no fundamento da história do homem. [Heidegger, 2014: 48]

Bibliografía

Heidegger, M. (2014), *Contribuições à Filosofia: do Acontecimento Apropriativo* (trad. Marco Antonio Casanova). Rio de Janeiro-RJ, Ed. Via Verita.

Heidegger, M. (2012), *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia* (trad. Marco Antônio Casanova). Petrópolis-RJ, Editora Vozes.

Heidegger, M. (2010), *Meditação* (trad. Marco Antônio Casanova). Petrópolis-RJ, Editora Vozes.

Heidegger, M. (2007), *Nietzsche*, vol. II (trad. Marco Antonio Casanova). Rio de Janeiro, Forense Universitária.

Heidegger, M. (2003), *Thor Seminaries* (transl. Andrew Mitchell and François Raffoul). EEUU, Indiana University Press.

Heidegger, M. (2000), *Nietzsche: Metafísica e Niilismo* (trad. Marco Antonio Casanova). Rio de Janeiro-RJ, Ed. Relume Dumará.

Heidegger, M. (2000*a*), *Serenidade* (trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos). Lisboa, Instituto Piaget.

Heidegger, M. (1997), *Besinnung*. Gesamtausgabe - III-Abteilung - Unveröffentlichte Abhandlungen - Vorträge-Gedachtes - Band 66.